

PQ

9261

D5

P7



OCT 27 1961







*Faculdade*

**João de Deus**

---

**PRIMERAS**

**LEITURAS**

**Approvadas**  
**Pelo Governo**  
**Para uso das Escolas**  
**Primarias**

---

**Lisboa**  
**Typ. P. da Alegria 74**  
**1877**

**AMÉRICO F. MARQUES**

**Livreiro Antiquário**  
R. da Misericórdia, 92-1.

**Telef. 34977** Lisboa  
N.º

**P R I M E I R A S**

**L I T U R A S**



✓  
João de Deus

---

P R I M E I R A S  
L E I T U R A S

Publicadas  
Pelo  
Dr. Antonio Burguete

Lisboa  
Typographia  
73 Praça da Alegria 74  
1877



# Primeiras Leituras

---

---

PQ  
9261  
D5  
P7

I

Dois thronos ha no  
ceo mais sublimes que  
todos, o de Deus, e o de  
sua Mãe: o de Deus, infi-  
nitamente mais alto que  
o de sua Mãe, e o de sua  
Mãe quasi infinitamen-  
te mais alto que o de to-  
das as criaturas.

## II

O maior desejo, que teem e devem ter os paes é serem taes seus filhos, que não só os igualem, mas os vencam, e excedam a elles.

## III

Todos os que sois paes e mães, dizei-me, se houvera neste mundo uma degnidade uma honra, uma glória maior que todas, e se puze- ra na vostra elleição, e na vostra escolha que-

rel-a para vós ou para  
vosso filho; para quem  
a a havieis de querer?  
Não ha dúvida, que pa-  
ra vosso filho.

## IV

**N**inguem morre para  
estar sempre morto: por  
isso a morte nas Escri-  
turas se chama somno.

Os vivos caiem em  
terra com o somno da  
morte: os mortos jazem  
na sepultura dormindo,  
sem movimento nem  
sentido, aquelle profun-

do e dilatado lethargo: mas quando o pregão da trombeta final os chamar a juízo, todos hão de acordar e levantar-se outra vez.

## V

A morte tem duas portas: uma porta de vidro, por onde se sai da vida; outra porta de diamante, por onde se entra á eternidade. Entre estas duas portas se acha subitamente um homem no instante da

morte, sem poder tornar atraz, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar para onde não sabe, e para sempre.

## VI

No tempo de Noé sucedeu o diluvio, que cobriu e alagou o mundo: e dos leões escaparam dois, leão e leoa; e assim dos outros animaes da terra: das aguias escaparam duas. E dos peixes? Todos es-

caparam; antes não só escaparam todos, mas ficaram mais largos que d'antes, porque a terra e o mar tudo era mar.

## VII

A aurora é o riso do ceo, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo.

## VIII

Nem a primavera com  
as suas flores, nem o es-  
tio com as suas espigas,  
nem o outomno com os  
seus fructos, nem o in-  
verno com os seus frios  
e neves, por mais tolhi-  
do e entorpecido que  
pareça, podem estar pa-  
rados um momento.  
Passam as horas, pa-  
ssam os dias, passam os  
annos, passam os secu-  
los, e se houvesse com  
que se pudessem pin-  
tar, havia de ser todos

com azas, não só correndo, e fugindo, mas voando, e desaparecendo.

## IX

Todos imos embarcados na mesma náo, que é a vida; e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo: e assim como na náo uns governam o leme, outros mareaam as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão assentados

uns cantam, outros jogam, outros nenhuma cousa fazem; e todos igualmente caminham ao mesmo porto; assim nós, ainda que o não pareça, insensivelmente imos passando sempre, e avisinhando-se cada um ao seu fim.

## X

Dos animaes terrestres o cão é tão doméstico, o cavallo tão servicial, o bugio tão amigo ou tão lisongeiro; e até

os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar a fora aquellas aves que se criam e vivem com nosco, o papagaio nos falla, orouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrário lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus

pegos, e lá se escondem nas suas grutas, e não ha nem um tão grande, que se fie do homem, nem tão pequeno, que não fuja delle.

## XI

Não ver nada é privacão, ver uma cousa por outra é erro.

Eis-aqui porque sempre erra o juizo proprio: eis-aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Porque olhamos para nós com os

olhos de um mais cego  
que os cegos, com uns  
olhos que sempre vêem  
uma cousa por outra e  
as pequenas lhe pare-  
cem grandes. Somos  
pouco maiores que as  
hervas, e fingimo'-nos  
tão grandes como as  
arvores: somos a cousa  
mais inconstante do  
mundo, e cuidamos, que  
temos raízes: se o inver-  
no nos tirou as folhas,  
imaginamos que nol-as  
ha de tornar a dar o ve-  
rão, que sempre have-

mos de florescer, que havemos de durar para sempre. Isto somos, e isto cuidamos.

## XII

O juizo dos homens, quando muito lhe demos, poderá fazer mal, mas não pôde fazer maus. Se eu sou bom, por mais que me julguem mal os homens, não me podem fazer mau: se eu sou mau, por mais que me julguem bem os homens,

não me podem fazer  
bom.

### XIII

Sem conselho nenhuma  
cousa façamos; por-  
que nenhum homem é  
tão sabio, que não es-  
teja sujeito a errar.

### XIV

Exhorta Christo a  
todos os homens a que  
vigiem sobre sua sal-  
vação, e compara-os aos  
criados e ao pae de fa-  
milia. Mas quando os

manda vigiar como criados, diz que esperem: quando os manda vigiar como pae, diz que temam. Porque o pae é pae, e o criado é criado.

O criado, quando vigia, espera; porque no criado vigia o interesse. O pae, quando vigia, teme, porque no pae vigia o amor. Espera quem serve; teme quem ama.

## XV

Amanhece a branca flor cheia do orvalho do-

ce, que distillou nella a aurora; chega a beber a abelha, e leva mel; chega a beber a aranha, e leva veneno.

## XVI

Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo, e a boia sobre a agua, e em lhe picando na isca o torpedo começa a lhe tremer o braço. Póde haver maior, mais breve, e mais admiravel effeito? De maneira que num mo-

mento passa a virtude do peixesinho, da boca ao anzol, do anzol á linha, da linha á cana, e da cana ao braço do pescador.

## XVII

Entre todos os animaes do mundo, os peixes são os maiores. Que comparação tem em numero as especies das aves, e as dos animaes terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza, o ele-

fante com a baléa?

## XVIII

Navegando d'aqui para o Pará vi correr pela tona da agua de quando em quando a saltos um cardume de peixinhos, que não conhecia: e como me dissessem, que os portuguezes lhe chamavam quatro olhos, quiz averiguar oculamente a razão deste nome, e achei, que verdadeiramente teem quatro olhos, em tudo

cabaes, e perfeitos.

Dá graças a Deus, lhe disse, e louva a liberdade da sua divina providencia para contigo; pois ás aguias, que são os linceos do ar, deu sómente dois olhos, e aos linceos, que são as aguias da terra, tambem dois; e a ti, peixinho, quatro.

Aquelleas quatro olhos estão lançados um pouco fóra do logar ordinario, e cada par delles unidos como os dois

vidros de um relogio de areia, em tal forma, que os da parte superior olham direitamente para cima, e os da parte inferior direitamente para baixo. E a razão desta nova architectura é, porque estes peixinhos, que sempre andam na superficie da agua, não só são perseguidos dos outros peixes maiores do mar, se não tambem de grande quantidade de aves maritimas, que vivem na-

quellas praias: e como tem inimigos no mar, e inimigos no ar, dobrou-lhe a natureza as sentinelas, e deu-lhe dois olhos, que direitamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que direitamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes.



## AMOR FILIAL

Nós a quem mais devemos amar n'este mundo é a nossos paes, porque ninguem é capaz de sacrificar-se por amor de nós, como elles.

Ninguem nos pôde consagrar tanto amor

como elles nos consagram.

Os amigos mais leaes e dedicados podem-nos faltar na desgraça, podem-nos esquecer na ausencia, ou por causa de novos laços de familia ou de amisade que tenham contrabido. Os paes nunca desamparam os seus filhos, nunca se esquecem d'elles.

A falta das pessoas mais estimadas pode-se muitas vezes suprir

ou remediar; mas quando temos a desgraça de perder o pae ou a mãe, não tornamos a achar na vida quem seja para nós, como elles foram, extremosos e dedicados.

Por isso os devemos amar do fundo d'alma. E quanto mais amarmos nossos paes, melhor para nós; porque esse amor é abençoado por Deus. Não ha maneira de amar os paes senão tendo um com-

portamento exemplar, sendo laborioso e honesto, sendo virtuoso; o que é o mesmo que ser feliz.

E devemos amar os nossos paes como elles são; embora pobres, humildes e desgraçados, não devemos invejar outros mais ricos ou mais felizes, porque seria falta de conformidade com os decretos da Providencia. Pelo contrário, devemos amá-los ainda mais se é po-

ssivel; porque talvez a sua unica satisfação, a riqueza e os seus unicos titulos de nobreza sejam os seus filhos.

A verdadeira riqueza é a virtude, e a verdadeira nobreza são os sentimentos generosos.

Em logar de invejarmos aos mais um nascimento illustre, demos aos nossos paes a honra de ter filhos que os mais invejem pelas suas excellentes qualidades.

## COMPORTAMENTO RELATIVO À ESCOLA

O filho obediente faz em tudo a vontade a seus paes; e se o mandam á escola, deve-se applicar, que a utilidade é sua.

Porque, sem instrução, a gente é como os

animaes. Só ella nos ensina a desempenhar bem as nossas obrigações, e augmenta os nossos recursos e o nosso prestimo, alumando o nosso espirito.

A instrucción é tão necessaria como o sustento: advertindo que do sustento os mesmos animaes precisam; o que nos distingue dos animaes é a instrucción.

E como se ha de comportar quem tem a felicidade de ser manda-

do á escola por seus  
paes?

Indo pelo caminho  
que lhe marcam, sem  
se apartar nem distra-  
hir; chegando a horas;  
entrando socegado; to-  
mando o seu logar,  
com o menor incommo-  
do possivel dos compa-  
nheiros; prestando toda  
a attenção ao mestre;  
não se rindo, não con-  
versando, não grace-  
jando: e quer seja ob-  
servado, quer não,  
conservando-se sempre

com a devida seriedade.

Um menino deve ser comedido e modesto, sem ser acanhado: quando não entende alguma cousa, pede licença para perguntar, e o mestre explica.

Não deve ter vaidade, que se torna odioso; nem fazer zombaria dos que aprendem menos, porque talvez não seja descuido, e sim falta de entendimento, o que não é culpa de cada um.

A intelligencia é um dom de Deus: está da nossa parte aproveitá-la; e por isso devemos ter emulação, empenhando-nos em conseguir tanto ou mais que outro qualquer; mas se apezar das nossas diligencias, o não pudermos igualar, não devemos ficar sendo invejosos, e sim admiradores da sua capacidade ou applicação.

Os mestres são os paes da instrucción; e os

discipulos entre si devem-se estimar como irmãos. Um menino bem educado não conta as faltas dos companheiros, nem as reprehensões e castigos que levam na escola; assim como tambem não vai á escola contar o quel fizeram cá fora; não accusa nem compromette os mais.

Quando é permittido conversar, falla-se com todos affavelmente; mas para nossos ami-

gos particulares devemos escolher os mais sisudos e socegados, evitando a companhia dos travessos, que mais cedo ou mais tarde nos fazem cair na desobediencia.

Seja diante de quem fôr, devemos proceder de modo que mostre a nossa boa educação, e fazendo de conta que estão presentes nossos paes.

Nunca se recorre á força, salvo em defesa

do mais fraco.

Devemos respeitar os mestres e receber humildemente os seus preceitos; porque elles foram escolhidos para nos guiar, e estão em logar de nossos paes.

Se ás vezes se mostram severos, é desvelo pelo nosso aproveitamento, o que devemos agradecer e não levar a mal. Nunca os devemos censurar; e quando á nossa vista os accusem, temos obriga-

ção de os defender como bons filhos ou bons amigos.

Aquelle que procede assim, é estimado de todos, e a alegria e a honra de seus paes.





## S. MATHEUS

## CAPITULO IX

Entrando Christo em uma barca, passou á outra banda, e foi á sua cidade.

E eis que lhe apresentaram um paralytyco, que jazia em um leito. E vendo Jesus a fé d'elles, disse ao paralytyco: filho, tem confiança; perdoados te

são teus peccados.

E logo alguns dos escribas disseram dentro de si: Este blasfema.

E como visse Jesus os pensamentos d'elles, disse: Porque cogitais mal nos vosso corações?

Que coisa é mais fácil, dizer: Perdoados te são teus peccados; ou dizer: Levanta-te, e anda?

Pois para que saibais, que o filho do homem

tem poder sobre a terra de perdoar pecados, disse elle então ao paralityco: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa.

E elle se levantou, e foi para sua casa.

E vendo isto as gentes, temeram, e glorificaram a Deus, que deu tal poder aos homens.

E passando Jesus d'alli, viu um homem, que estava sentado no Telónio, chamado Matheus; e lhe disse: Se-

gue-me. E levantando-se elle o seguiu.

E aconteceu que estando Jesus sentado á mesa n'uma casa, eis que vindo muitos publicanos, e peccadores, se sentaram a comer com elle, e com os seus discípulos.

E vendo isto os phariseus, diziam aos seus discípulos: Porque come o vosso Mestre com os publicanos, e peccadores?

Mas ouvindo-os Je-

sús, disse: Os sãos não tem necessidade de mé-dico, mas sim os enfer-mos.

Ide pois, e aprendei o que quer dizer: Misericórdia quero, e não sacrifício. Por quanto eu não vim a\chamar os justos, mas os peccadores.



# PADRE NOSSO

(Glosa)

## I

Pae Nossa, de todos nós,  
Que todos somos irmãos;  
A ti erguemos as mãos  
E levantamos a voz.

## II

A ti, que estás lá no ceo,  
 E nos lançaſ com clemencia,  
 Do vasto estrelado veo  
 Os olhos da providencia!

## III

Beḿrito, sacrificado  
 Seja o teu nome, Senhor!  
 Inviolavel, sagrado  
 Na bôca do peccador!

## IV

E venha a nós o teu reino;  
 Acebe o da vil cobiça;  
 Rei me o amor e justiça  
 Que pregava o Nazareno:

## V

De modo que seja feita  
 A tua Santa vontade  
 Sempre a expressão perfeita  
 Da justiça e da verdade!

## VI

Seja feita assim na terra  
 Como no céo, onde habita  
 Esse, cuja mão encerra  
 A criação infinita!

## VII

O pão nosso, nesta liua  
 De cada dia, nos dá  
 Hoje, e basta; a luz da vida,  
 Quem sabe o que durará!

## VIII

E perdoa-nos, Senhor,  
 As nossas dívidas; sim!  
 Grandes são, mas é maior  
 Essa bondade sem fim!

## IX

Assim como nós (se é dado)  
 Julgar-nos também crêdores),  
 Perdoamos de botaz grado  
 Cá aos nossos devedores.

## X

E não mos deixes, bom Pae,  
 Cair nunca em tentaçâo;  
 Que o homem, por condicâo,  
 Sem o teu auxilio cai!

## XI

Mas tu, que não tens segundo  
 E ainda menos igual,  
 Dá-nos a mão neste mundo  
 Senhor! livra-nos do mal!

FIM

Sempre se tem reconhecido utilidade em distinguir as syllabas nas primeiras leituras; e nós que não admittimos solletração e mais especialmente precisavamos d'essa distincção n'uma cartilha prestes a publicar-se, tivemos a idéa (e reservamos o direito de alternar apenas o tom das syllabas, sem desconjuntar nem desfigurar a palavra. O sr.dr. Burguele, fiado nos recursos do nosso primeiro estabelecimento typografico, quiz-se encarregar de obter o typo conveniente; e eis como já podemos offerecer aos principiantes este pequeno ensaio, onde talvez achem, até para solletrar, espec ial auxilio.

Nenhum ponto de vista especial nos preocupou na escolha da materia; porque a princípio cada palavra é um problema, que absorve a attenção do alumno, e quasi se abstrae da idéa. Mas, assim como até páginas 25, tudo seria tirado de Vieira, cujo estylo é lei, se por indicação do illustre editor não concordassemos em metter dois artigos do nosso livrinho os «Deveres dos Filhos», mais uma glosa da Oração do Senhor, e um trecho do Evangelho, que é sempre bem vindo e superior a tudo.

## ERRATAS

Pag.	Linhas	Erratas	Emendas
6	12	degnidade	dignidad
“	15	elleição	eleição
52	3	solletraçāo	soletraçā
“	5	rcservamoſ	reservam
“	12	solletrar	soletrar





Vende-se no deposito Livraria Bertand, Chiado  
73 e 75 e nas mais Livrarias de Lisboa.

---

NO RIO DE JANEIRO, na loja do Com-proprietario A. A. Lopes do Couto e Filho, Rua da Quitanda, n.º 24.







89006651970



b89006651970a

Digitized by Google



89006651970



b89006651970a